

A deficiência como um “espelho perturbador”: uma contribuição psicanalítica à questão da inclusão de pessoas com deficiência

Maria Lúcia de Araújo Andrade*
Márcia Oliva Soléra**

Resumo

Visando contribuir com o debate sobre a “inclusão” da pessoa com deficiência que, especialmente na área da educação, tem provocado um “mal estar”, o presente artigo propõe uma reflexão a partir do referencial psicanalítico. Para isso, parte da noção do deficiente como um “espelho perturbador”, proposta por Pierre Fédida, para buscar, em seguida, uma articulação com as primeiras formulações teóricas sobre o “estádio do espelho” que foram desenvolvidas por Jacques Lacan e suas decorrências posteriores.

Descritores: deficiência mental (pseudodeficiência); educação especial (inclusão social); psicanálise; imagem corporal; Lacan, Jacques (1901-1981).

Le handicapé comme un "miroir qui trouble": une contribution au débat sur l'inclusion social des personnes handicapées

Résumé

En visant à contribuer avec le débat sur l'« inclusion » de la personne avec l'insuffisance qui, spécialement dans le secteur de l'éducation, a provoqué un « mal être », l'article présente une réflexion à partir du référentiel psychanalytique. Pour cela, on part de la notion de la personne handicapée comme un « miroir perturbateur », proposée par Pierre Fédida, pour chercher, ensuite, une articulation avec les premières formulations théoriques sur le « stade du miroir » qui ont été développées par Jacques Lacan et leurs résultats postérieurs.

Mots-clés: insuffisance mentale (pseudo-insuffisance); éducation spéciale (inclusion sociale); psychanalyse; image corporelle; Jacques Lacan (1901-1981).

The challenge as a “disturbing mirror”: a psychoanalytic contribution to social and psychological inclusion of persons with deficiency

Abstract

Based on the psychoanalytic theory this article aims to contribute to the debate about social and psychological inclusion of challenging people, which has caused “discontents”¹, especially in educational area. In order to do that, the authors take into consideration the notion of a challenged person as a “disturbing mirror”, as initially proposed by Pierre Fédida, and relates it with first theoretical formulation about “the mirror stadium”, constructed by Jacques Lacan, and subsequent developments.

Index-terms: mental retardation; body image; education (special, trends); Lacan, Jacques (1901-1981).

La deficiencia como un “espejo perturbador”: una contribución Psicoanalítica en la inclusión social

Resumen

Buscando contribuir con el debate sobre la “inclusión social” de la persona con deficiencia que, especialmente en el área de la educación, ha provocado un “mal estar”, el presente artículo propone una reflexión a partir del referencial psicanalítico. Para eso, parte de la noción del deficiente como un “espejo perturbador”, propuesta por Fédida, para buscar, en seguida, una articulación con las primeras formulaciones teóricas sobre el “estadio del espejo” que fueron desarrolladas por Lacan y sus posteriores consecuencias.

Descriptor: deficiencia mental (pseudodeficiencia); educación especial (inclusión social); psicoanálisis; imagen corporal; Lacan, Jacques (1901-1981).

“A dialética do inconsciente implica sempre, como uma de suas possibilidades, a luta, a impossibilidade de coexistência com o outro”. Lacan (1955-1956, p. 51)

Introdução

Em tempos de *inclusão* temos assistido à emergência de um “mal-estar”² que vem se manifestando, mais visivelmente, no campo da educação. Aí, a angústia de castração se revela, tanto no sentimento de impotência do professor em sala de aula, sendo questionado sobre sua práxis, quanto na intolerância de alguns pais frente à possibilidade de seus filhos passarem a conviver com o deficiente.

Fédida (1984) afirma que o encontro com a deficiência, principalmente com aquela que atinge a aparência do corpo, movimentam as bases de nossa existência. Como um “espelho perturbador”, diz o autor, a imagem do deficiente nos devolve a imagem de nossa experiência pessoal primitiva de corpo fragmentado, experiência esta “excluída” da imagem especular com a qual uma primeira formação do eu, representante do sujeito do inconsciente (S) em seu eixo³ a` ____a, se identifica.

Segundo Fédida:

De certo modo, reencontramos aí alguma coisa que a experiência psicopatológica cotidiana conhece bem, isto é, o fato de que, sob qualquer forma que seja em relação à integridade do corpo, o deficiente (re)presenta um espelho perturbador, desorientador, um espelho que, certamente, engaja nossa experiência psicótica pessoal onde ela não se encontra reconhecida como tal, ou chamada como tal (1984, p. 144).

Lacan (1953) já anteriormente observara que a constituição do ser humano, como sujeito da linguagem, está marcada por essa alienação primordial imaginária no eixo a'____a (eu____mim), isto é, pela imagem especular a partir da qual ele se estrutura e se aliena, pois nos reconhecemos inicialmente em uma imagem [eu ideal] que não corresponde ao corpo fragmentado que experimentamos. Assim, se a imagem do deficiente perturba é porque ela devolve, em espelho, a imagem da deficiência, vivida por cada um, e que o corpo é testemunha. Mais tarde, na década de 1970, observa que a dimensão da debilidade no ser humano se introduz com a alíngua. Somos seres constituídos pela linguagem, e é ela mesma que denuncia essa falta constitutiva. Como diz Lacan,

Há algo que faz com que o ser falante se mostre destinado à debilidade mental. E isto resulta tão somente da noção de Imaginário, naquilo em que o ponto de partida deste é a referência ao corpo e ao fato de que sua representação, digo, tudo aquilo que por ele se representa, nada mais ser que o reflexo de seu organismo (Lacan, 1974-1975, p. 4).

Nasio (1993) referindo-se a seu trabalho realizado com F. Dolto vai retomar a idéia e dirá que há uma característica muito diferente entre o corpo real e seu reflexo psíquico. A imagem não tem uma correspondência perfeita, nem ponto a ponto, com o corpo real já que aquilo que esse produz enquanto imagem é evanescente, já que habitado pela libido, pelas pulsões e pelos desejos. Há nesses autores a preocupação em mostrar que a imagem do corpo se estabelece na história particular de cada um, tem consistência libidinal, é inconsciente, apenas reflexo do corpo real, sempre parcial e fragmentada, atualizada constantemente e dinamizada pelo falo4 ("phallus"). No entanto, essa imagem, essencial à existência do sujeito, só emerge a partir de um laço afetivo com um grande Outro, possivelmente a mãe, constituído dentro da linguagem, que sustentará um lugar para o sujeito e sua possibilidade de ação sobre seu mundo. A imagem do corpo terá uma falha justamente onde a tem o corpo real, lugar esse de estagnação da libido, que por aí não circulará, se adensando como se fosse uma região de sombra.

Podem-se legitimamente utilizar diversas expressões para nomear esse lugar, seja núcleo do gozo, seja núcleo fálico ou ainda e melhor, 'phallus', tão somente. Podemos precisar ainda mais dizendo que se trataria do 'phallus' imaginário ou estar a falar do 'objeto fálico' (Nasio, 1993, p. 9).

Evidentemente que aí se usa de recursos da linguagem e do poder da imagem para dar conta de algo do real, que de outra forma seria impossível de se representar. Lacan muitas vezes, em vários de seus textos e exposições orais, deixou clara a necessidade desses recursos quando se fala do real.

O corpo e o real

No seminário RSI (1974-1975), Lacan utiliza o *nó Borromeu*, como um modelo topológico para, a partir de sua experiência analítica, representar os registros do Real, Simbólico e Imaginário na estruturação do psiquismo. Construído por três anéis, entrelaçados e inseparáveis, apresenta a propriedade de se desfazer quando um dos anéis se solta. A unidade desse sistema, portanto, só se mantém com os três anéis; cada dois presos por um. O enlaçamento dos três registros em um *nó* significa que cada um deles produz um sentido. Assim, é a partir dele que se definem os termos: Real, Simbólico e Imaginário. Citando o autor, Andrade (1984, p. 57) enfatiza que, Para Lacan, não há uma supremacia do simbólico sobre o imaginário e o real, mas sim uma conexão estreita entre os três "registros". Isto ocorre desde o início, havendo já uma ordem simbólica presente na constituição das organizações tempo-espaciais e nas primeiras relações do sujeito com o objeto.

O corpo é da ordem do Real, do gozo, e é a partir dessa condição que a linguagem se instaura, ou seja, é a partir do Real que emerge o Simbólico.

Podemos dizer que o Real é o estritamente impensável, o irrepresentável, o impossível. Constitui-se a partir das primeiras inscrições para as quais não há palavras. Essas inscrições são como marcas no corpo, "alíngua" (lalangue), não simbolizadas. Tem sua origem na "língua materna", constantemente buscam se inscrever, e constituem e fundam o sujeito do inconsciente. Daí a expressão: O inconsciente se estrutura como uma linguagem.

Essas marcas são constituídas por sons, pela melodia da língua, pela voz, por um odor, o relance de um olhar, um lampejo, uma sensação tátil etc., significantes que o bebê, já imerso em um universo de símbolos, não sabe o significado.

Lacan (1955-1956, p. 226) diz que os significantes estão encarnados na existência das palavras. "Não é obrigatório que sejam vocábulos verbalizados. É possível que seja um sinal numa muralha, é possível que, para o dito primitivo, seja uma pintura ou uma pedra".

Dizer que nosso corpo testemunha uma alienação a partir da qual o [eu] se constitui significa, portanto, dizer que nossas experiências de corpo fragmentado, de impotência motora e de dependência inicial frente ao desamparo que nos encontramos ao nascer ficam em nós como marcas, não simbolizadas.

Essas marcas da ordem do real formam uma "escrita" que "insiste" constantemente em entrar na cadeia simbólica, processo onde a angústia tem uma ação marcante. Se esse é um processo de desvendamento constante, que ocorre na subjetividade do ser vivo e é externado na repetição e através dela, a situação de análise, no jogo da transferência que aí se instala, é um lugar privilegiado para surpreendê-lo e um recurso maior para o trabalho do psicanalista.

O encontro com o Real produz sempre a angústia de castração. É nesse sentido, primeiramente, que a imagem da deficiência perturba. No encontro com o deficiente vimos emergir “isso” que é da ordem do Real, ou seja, marcas da nossa própria debilidade e da nossa impotência que ficaram excluídas da imagem pela qual o sujeito se reconhece. Aquilo que ao nos constituirmos, por ser da ordem inconsciente, negamos em nós mesmos, o deficiente, como um *espelho perturbador*, nos devolve com a imagem de seu corpo debilitado.

Em relação a possíveis intervenções, seja na clínica particular ou na instituição, onde a escola tem seu lugar, para que haja alguma efetividade nas ações, é necessário que se considere o sujeito dentro dos princípios éticos que norteiam a psicanálise e na “extensão de Lacan ao simbólico, ao imaginário, ao real o que permitiu a esses três termos consistir” (Lacan, 1976-1977, aula do dia 16 de novembro de 1976)⁵.

Nesse Seminário, em sua aula de 16 de novembro de 1977, Lacan relata que em 1954 havia recorrido ao imaginário para “fazer uma idéia” do Real. Em seguida, afirma

avancei na construção ‘de meu nó borromeu’ formado pelo imaginário, pelo real e pelo simbólico... e me fez considerá-los como três esferas e as amarrar com um nó... realizei na época uma conferência inaugural com esses três nomes, que se tornaram para mim, aquilo que Frege chamou de nome próprio (Lacan, 1976-1977).

Ainda, nesse seminário, o autor acrescenta:

mas depois de tudo, me apercebi que o consistir queria dizer alguma coisa a mais, que faltava alguma coisa, que faltava falar do corpo, que há um corpo do imaginário, um corpo do simbólico, que é alíngua, e um corpo do real, que não se sabe como surgiu (Lacan, 1976-1977).

O corpo imaginário é aquele que produz uma imagem que suscitará no outro algum sentido; o corpo simbólico é um significante que suscita não um sentido, mas uma ação no real. O status do corpo real é inapreensível tanto pelas palavras quanto pelo sentido.

Andrade (1984) falando sobre a possibilidade do uso da psicanálise lacaniana no tratamento dos distúrbios psicomotores, muitas vezes presentes nas deficiências ou nas pseudodeficiências, alerta sobre o cuidado que o profissional deverá ter em suas intervenções, considerando todos os aspectos aqui discutidos, já que nelas não cabe uma postura nem parcial nem reeducativa.

Como esse modelo teórico, que em sua estrutura básica inclui o inconsciente, poderá ser usado nas escolas? Por ocasião de sua tese de doutorado, Andrade (1994) afirmou que, dentro desse raciocínio, a própria deficiência além de ser considerada em seu aspecto estrutural inerente ao sujeito, ao *parle-êtré*⁶, terá de ser tomada com o valor de um sintoma, no sentido que o faz a psicanálise.

O trabalho de um psicanalista, cada vez mais, não pode se limitar a seu gabinete de trabalho. Assim, já o afirmou Freud (1926), em “A questão da análise leiga”, quando salientou não poderem os analistas se limitar a serem especialistas, mas sim deverem ter uma formação ampla e geral e estarem amplamente abertos às questões de sua época. Isso foi também o que fez Lacan em debate incessante com as questões de seu tempo.⁷

Os “muros” em qualquer sentido que se tome a palavra, têm por função proteger as cidades e os sujeitos contra o “real”, já que fora deles estaria o perigo, o estranho, os mortos e muitas vezes igrejas que poderiam esconjurar e deter tais perigos.

No sentido estrito, esses “muros” começaram a vacilar no séc. XVII e se desmoronaram no séc. XIX com a revolução industrial, a expansão urbana e a proclamação dos direitos humanos. No entanto, Lacan em 1967 apontava para um novo fato, notando que os muros das nações ameaçadas pela globalização fizeram surgir, em substituição, uma lógica que tenta erradicar a exceção, trazendo como conseqüência o renascimento de guetos e as mais diversas formas de segregação e exclusão.

O estádio do espelho e a relação imaginária

Como paradigma do Imaginário, o “estádio do espelho”⁸ se refere à forma como, para o “infans”⁹, a imagem antecipada de uma unidade corporal tem um papel fundamental na formação do [eu] e no investimento libidinal em uma imagem de perfeição narcísica [eu ideal], que a criança antecipa na experiência jubilosa, gozosa, no espelho.

O fenômeno da criança que, entre os seis e os dezoito meses, se encanta frente à sua imagem no espelho demonstra, como diz Lacan (1951, p. 53),

a passagem do indivíduo por um estágio onde a mais precoce formação do eu pode ser observada.

A assunção jubilatória de sua imagem especular pelo ser ainda mergulhado na impotência motora e a dependência da lactância pelo homenzinho neste estádio de infans nos parecerá desde então manifestar, em uma situação exemplar, a matriz simbólica onde o [eu] precipita-se em uma forma primordial antes de se objetivar na dialética da identificação ao outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (Lacan, 1948-1949, p. 8)

O estádio do espelho, ao mesmo tempo em que possibilita uma primeira “*matriz simbólica onde o [eu] se precipita em sua forma primordial*”, assinala seu desconhecimento e alienação. Isto porque, se constitui, primeiramente, numa relação de exterioridade, mais especificamente a partir de uma identificação a uma imagem que lhe é exterior e que não coincide com a imagem que experimenta de um corpo fragmentado.

A experiência do espelho significa, mais que tudo, um tipo de relação do bebê com seu semelhante, através da qual ele assume uma *imago*. A função dessa imago, para Lacan, é a de estabelecer uma relação do organismo

com sua realidade. Essa imagem corporal permite ao bebê estabelecer uma diferenciação entre o interno e o externo, entre seu corpo e o mundo exterior. Nas palavras de Garcia-Rosa (1992, p. 215):

O que caracteriza esse modo dual de relação é, acima de tudo, a indistinção entre o si e o outro, e se alguma individualidade surge nesse momento, ela é muito mais uma demarcação do próprio corpo do que uma individualidade em termos de sujeito.

Assim, diante da própria imagem no espelho, o bebê realiza a síntese entre o corpo inteiro que vê e o corpo fragmentado que experimenta e reconhece a imagem da sua espécie, o que terá para ele, o valor de um “*imprinting*”¹⁰.

A imagem especular revelada não coincide com a experiência de caos e desorganização internos do bebê, com sua impotência motora e com a experiência de se fundir e de se confundir com o mundo ao seu redor, mas produz uma gestalt, a do corpo, que o tranquiliza e o rejubila.

Françoise Dolto diz que a imagem inconsciente do corpo é uma instância psíquica que resulta da impossibilidade perceptiva do corpo próprio pelo sujeito. Por caminhos mais conscientes, ou totalmente inconscientes, ela surgirá sempre na relação a um outro e tendo o acolhimento do grande Outro¹¹. Formada por uma quantia infundável de diversos fragmentos corporais, olfativos, sensoriais, proprioceptivos ela é como “uma roupa de arlequim”. Nasio (1993, p. 10) em outras palavras diz:

a percepção que tenho de meu corpo e que imprime sua imagem no vasto espelho do psiquismo, é uma percepção sempre impura, mil vezes filtrada e peneirada pela imagem que se forma constantemente em mim mesmo (...).

Mannoni (1982, p. 82) lembra que “é em relação ao primeiro ego imaginário que normalmente se situa o jogo entre inclusão e exclusão de tudo de que se trata no sujeito antes do nascimento do ego.”

A autora, referindo-se ao tratamento da criança autista, em que esses conceitos são da máxima importância, afirma que “Enquanto o paciente não acede à apreensão da imagem do corpo, ele fracassa no domínio da dimensão do tempo e de sua história não havendo em seu mundo lugar para o desejo” (Mannoni, 1982, p. 82). Freud nunca falou em imagem do corpo mas, em 1914, postula um narcisismo primário da criança e considera-o como derivado de um campo intersubjetivo. Ele reconhece, na atitude emocional dos pais para com seus filhos, a revivência de seu próprio narcisismo. Isto significa que a criança é para os pais uma re-atualização de seu eu-ideal. Assim, estes se vêem compelidos a atribuir ao filho todas as perfeições e ocultar-lhe todas as deficiências. Para a criança não deverá haver privações, desprazer, frustrações. Ela vem consumir os desejos não realizados dos pais, “ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação – ‘Sua Majestade o Bebê’, como outrora nós mesmos nos imaginávamos” (Freud, 1914, p. 108).

Essa ilusão narcisista, que a criança representa para os pais, é fundamental para que se constitua o narcisismo primário. Para Freud, a constituição do narcisismo secundário, é correlata à constituição do ego¹². Para que o ego se desenvolva, diz Freud (1914, p. 93), “é necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo”.

Essa “*nova ação psíquica*” constituinte do narcisismo seria, de acordo com Lacan, a experiência do espelho onde a criança se toma pela imagem exterior que vê refletida no espelho e, em uma experiência gozosa, conclui: “a imagem sou eu”.

Garcia-Rosa (1984, p. 215), comentando Lacan, diz que

O narcisismo não é, portanto, estritamente falando, uma relação com o si mesmo senão através de um outro com o qual o indivíduo se identifica e no qual se aliena. A identificação é a assunção de uma imagem que, ao mesmo tempo em que se constitui um esboço de eu (moi), marca também a perda de si mesmo, a primeira de uma série de alienações: ao procurar a si mesmo, o que o indivíduo encontra é a imagem do outro.

O Caráter Erótico e Agressivo da Relação Narcísica

Lacan (1955-1956, p. 110) considera “a relação do narcisismo como a relação imaginária central para a relação inter-humana”. Para ele, a relação narcísica, como relação de identificação à imagem especular, objeto de desejo do Outro, é uma relação erótica que constitui também a base de toda tensão agressiva, onde há sempre uma marca de exclusão; assim:

é ele ou eu...É que no plano imaginário, o sujeito humano é assim constituído de forma que o outro está sempre prestes a retomar seu lugar de domínio em relação a ele, que nele há um eu que sempre é em parte estranho a ele, senhor implantado nele acima do conjunto de suas tendências, de seus comportamentos, de seus instintos, de suas pulsões (Lacan, 1955-1956, p. 111).

Em relação à constituição do sujeito (S), o eu só se interessa por sua imagem especular (mim) porque essa imagem é reconhecida pelo *Outro* (A), o Outro da linguagem, representado pela mãe, como objeto de desejo. Assim, na escrita lacaniana, o eixo **a’_a** é, entre outros aspectos, o eixo que representa a relação narcísica imaginária do **eu** com o **mim**. Temos, desse modo, o que Lacan denomina “Esquema L”.

Figura 1 - Relações entre os eixos da relação narcísica imaginária entre o Eu (a' – a) e o Mim, fazem parte do “Esquema L” de Lacan.

No vínculo imaginário e narcísico que se estabelece entre a mãe e o infans, podemos dizer que, frente à mãe faltante, a criança se identifica com o “falo13” imaginário para preencher o desejo materno.

A introdução de um terceiro, o pai enquanto representante simbólico da lei (Nome-do-Pai), produzirá um corte nessa relação, operando assim o que Lacan denomina de castração. Nasio (1989, p. 38) nos diz que “ela [a castração] é a lei que rompe a ilusão de cada ser humano de se acreditar possuidor ou identificado com uma potência imaginária”.

Segundo Lacan (1955-1956, p.51), “essa base rivalitória e concorrencial no fundamento do objeto” só poderá ser superada através da palavra, na medida que um terceiro intervém e que se chega a um acordo – isto é isto, isto é aquilo, isto sou eu, isto é você. Mesmo assim, diz o autor, esse “caráter agressivo da concorrência primitiva” pode ser observado em qualquer espécie de discurso14.

Na relação com o deficiente, observa-se que muitas mães se mantêm em uma relação dual com seus filhos, sem a intervenção da imagem paterna proibidora contida no Nome-do-Pai, enquanto a palavra que representa a interdição.

O mesmo pode acontecer com qualquer pessoa que se relacione com o deficiente, principalmente o educador. Nessa posição, quem ocupar esse lugar, retirará do deficiente a possibilidade de se colocar frente ao semelhante como um sujeito desejante, o que o deixará aderido à posição de objeto do desejo.

Frente ao deficiente, o educador se angustia, se atrapalha, não sabe o que fazer, como se ele fosse um estranho e, novamente o “mal-estar” que emerge dessa relação, assim fadada ao fracasso, representa um importante obstáculo às propostas de inclusão.

O educador precisará, portanto, estar preparado para responder de um outro lugar, do lugar da falta, mas, para isso, ele deverá trilhar um longo e difícil caminho em seu desenvolvimento pessoal, o que implica desalojar-se do lugar do “eu sei” onipotente.

Em *O Mal-Estar na Civilização*, Freud (1929) afirma que a tendência para a agressão e a maldade exige do homem um grande dispêndio de energia para que a sua convivência com outros homens seja possível. Nesse sentido, o mandamento de amar ao próximo como a si mesmo representa um esforço da própria civilização para conter seus instintos agressivos.

Em uma retomada do texto freudiano, Lacan (1959-1960, p. 225) afirma que “o gozo é um mal porque comporta o mal do próximo”.

“O próximo tem certamente toda essa maldade da qual fala Freud, mas que ela não é outra senão aquela diante da qual eu mesmo recuo. Amá-lo, amá-lo como um eu mesmo é, da mesma feita, ir adiante em alguma maldade” (Lacan, 1959-1960, p. 242)

Ainda em *O Mal-Estar na Civilização*, em uma nota de rodapé, Freud faz uma crítica à educação apontando para o fato de que esta não prepara os jovens para a agressividade da qual se acham destinados a se tornarem objetos. Segundo ele, seria preferível que a educação dissesse:

É assim que os homens deveriam ser, para serem felizes e tornarem os outros felizes, mas terão de levar em conta que eles não são assim”. O autor segue dizendo: “Pelo contrário, os jovens são levados a acreditar que todos os outros cumprem essas exigências éticas – isto é, que todos os outros são virtuosos. É nisso que se baseia a exigência de que também os jovens se tornem virtuosos (Freud, 1930, p.158).

Essa tensão agressiva que encontramos nas bases da formação do [eu] está presente, portanto, em todos os relacionamentos interpessoais. Isso significa que, no encontro inter-humano, o mecanismo de exclusão pode ser empregado, em maior ou menor grau, como defesa frente ao risco da presença daquele que é vivido como estranho e que poderá *retomar seu lugar de domínio*. Aquilo que excluimos de nós mesmos, que não reconhecemos como próprio, constitui ameaça de ruptura em **a' --- a (eu --- mim)**, o eixo imaginário constitutivo. Lacan (1960-1961, p. 351) assinala, ainda, a presença de uma relação temporal com a imagem especular – “apresso-me em me ver semelhante a ele, senão, onde irei estar?”. Existe, portanto, uma certa pressa do ser

humano em se reconhecer no seu semelhante. A função dessa pressa, diz Lacan, não é a angústia, mas sim, sua relação com o desejo.

Sem dúvida, a angústia se produz topicamente no lugar definido por i(a), isto é, como é articulado pela última formulação de Freud, no lugar do eu, mas só há sinal de angústia na medida em que ele se relaciona com um objeto de desejo, na medida em que este último perturba, precisamente, o eu ideal, i(a), originado na imagem especular (Lacan, 1960-1961, p. 352).

A imagem do deficiente como um “espelho” perturba justamente porque nos revela uma imagem que não corresponde à imagem do eu ideal, à imagem de perfeição narcísica com a qual outrora nos identificamos. E, como diz a canção, se “Narciso acha feio o que não é espelho”, isto é, aquilo que não corresponde ao eu ideal, é excluído e, o é, porque gera angústia.

A partir das formulações sobre o “estádio do espelho”, podemos pensar que há uma certa tendência humana a relativizar as diferenças, o que é um ponto positivo que só deixa de o ser, quando em um extremo, ele tenta anulá-las. Reconhecer as diferenças significa reconhecer em si mesmo as limitações e as faltas.

O outro do espelho, se metáfora do outro “perfeito” e, se desejo de se fundir à imagem especular ideal, responde pelo desejo de ser objeto do desejo do Outro, pelo desejo de ser amado na plenitude total, de ser o falo do Outro. Resumindo, de se anular na loucura ou na morte em um gozo sem limite, “dessa agressividade que volto contra mim (...) desse campo inominável do desejo radical, na medida que é o campo da destruição e da morte” (Lacan, 1988, p. 256).

Conclusão

Na perspectiva da constituição do sujeito humano, as dificuldades encontradas frente às propostas de inclusão do deficiente refletem a impotência em reconhecermos a nossa própria deficiência, nossa própria debilidade. Se, com horror, tentamos afastar o Real sempre que este irrompe e tenta se inscrever, se o deficiente pode espelhar justamente *isso*, o estranho que apavora, não podemos deixar de considerar que no sujeito humano esta divisão primordial é constituinte e, por isso mesmo, inerente a todo e qualquer ser humano:

... “é a identificação com o outro, dizem-nos, que surge no extremo de tal tentação nossa, donde o sujeito retrocede”.... “Recuamos diante do quê? Do atentar à imagem do outro, pois é a imagem sobre a qual formamos-nos como eu” ((Lacan, 1988, p. 256).

A partir do que nos ensina a psicanálise, se torna necessário pensar que os movimentos de exclusão não pertencem somente aos educadores. São de todos.....

Freud (1930) assinala que não é fácil para o homem abandonar a satisfação da inclinação para a agressão. “*Sem ela, eles não se sentem confortáveis*”. O autor enfatiza que um grupo relativamente pequeno traz a vantagem, “*nada desprezível*”, de possibilitar que o instinto agressivo se apresente sob a forma de hostilidade contra o(s) excluído(s) e conclui: “É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade” (Freud, 1930, p. 136).

Fédida (1984, p. 144) ressalta, ainda, que todas as formas de assistencialismo, de compaixão, ou de piedade que manifestamos no cuidado com o deficiente podem, muito facilmente, tratarem-se, no fundo, de defesas contra o que sentimos como pulsões violentamente destruidoras despertadas pela imagem da deficiência. O autor enfatiza que, como terapeutas ou como educadores, não podemos desconhecer “toda a função do ódio, da raiva que pode suscitar a imagem deficiente”.

O gozo do sujeito é também o gozo do outro, gozo imaginizado da alteridade, do semelhante¹⁵, que faz com que o sujeito ataque aquilo que só pode desconhecer em si mesmo.

Reconhecer o que há de “estranho” em nós mesmos, o que nos faz ser diferente dos outros, a nossa singularidade, expressa em nosso desejo e gozo, constitui um primeiro passo para podermos nos relacionar melhor com as diferenças em nosso semelhante e, por conseguinte, com o deficiente.

Porém, para que isso aconteça, há a necessidade de um “ato”. Lacan precisou justamente a necessidade de levar o conceito do inconsciente até o limite através de uma passagem pelas origens da psicanálise desde Freud e, assim, atingiu uma melhor conceituação do real. O ato é dessa ordem. Para que o sujeito se ultrapasse, é necessário que ele se arrisque, abandone seus hábitos e se lance no novo, no desconhecido ... se assim o puder.

Referências

- Andrade, M. L. A. (1984). *Distúrbios psicomotores: uma visão crítica* (Vol. 6). São Paulo: EPU.
- Andrade, M. L. A. (1994). *O sintoma psicomotor dentro do campo da psicanálise*. Doutorado (não publicada). Universidade de São Paulo., São Paulo.
- Dolto, F., & Nasio, J. D. (1991). *A criança do espelho*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fédida, P. (1984). A negação da deficiência. In *A Negação da Deficiência: A Instituição da Diversidade*. Rio de Janeiro: Achiamé & Socius.
- Freud, S. (1914-1972). Sobre o narcisismo: Uma Introdução (J. Salomão, trad.). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 85-125). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1926-1969). A questão da análise leiga. In S. Freud (Ed.), *Edição Standard das Obras Completas Psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. XX, pp. 205-283). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1930-1972). O mal-estar na civilização (J. Salomão, trad.). In *Edição standard brasileira das obras*

psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XXI, pp. 75-171). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1972-1926). A questão da análise leiga (J. Salomão, trad.). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XX, pp. 205-283). Rio de Janeiro: Imago.

La Cause freudienne. número 54: Psychanalyse dans et hors les murs. (2003). L'orientation lacanienne ; L'expérience de la passe ; Dans la cité ; Le dieu des mystiques et des Schreber ; Psychanalyse appliquée ; Événements. In. Paris: Edit. Huysmans.

Lacan, J. (1948-1949). O estádio do espelho como formador da função do [eu] tal qual ela nos é revelada na experiência psicanalítica. In J. Lacan (Ed.), *Cadernos Lacan*. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

Lacan, J. (1951). Algumas reflexões sobre o eu. In *Cadernos Lacan*. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

Lacan, J. (1953). O Simbólico, o Imaginário e o Real. Conferência de 08 de julho de 1953 (P. R. Medeiros & J. Bourgeois, trad.). In *Sociedade Francesa de Psicanálise. Revista Veredas, n. 4*. Porto Alegre.

Lacan, J. (1954). *O seminário: Livro 1. Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1955-1956). *O seminário: Livro 3. As psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1959-1960). *O seminário: Livro 7. A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1960-1961). *O seminário: Livro 8. A transferência*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1967). Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École. In *Autres écrits* (pp. 257). Paris.

Lacan, J. (1974-1975). *O seminário. R.S.I.* São Paulo: All Books.

Lacan, J. (1976-1977). *Le Séminaire - Livre XXIV. L'insu qui sait de l'une bevue s'aile a mourre [O insucesso do inconsciente é o amor]. O texto foi fornecido por J. A. Miller para o periódico científico Ornicar*. Paris.

Mannonni, M. (1982-1986). *De um impossível a outro*. Rio de Janeiro: Zahar.

Násio, J. D. (1989). *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Násio, J. D. (1993). *Image du corps: un concept psychanalytique. Transcrição de entrevista dada a Image du Corps - Revue de Thérapie Psychomotrice, Recherches, n. 97*. Nice: Imprimerie MUS [tradução livre].

Rosa, G. (1992). *Freud e o inconsciente* (7a ed.). Rio de Janeiro: Zahar.

Notas

* É Professora Titular do Departamento de Clínica do Instituto de Psicologia da USP; orientadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo; Coordenadora Científica do Laboratório Sujeito e Corpo, SuCor; Psicanalista lacaniana. Tem publicações em que faz uma interface entre a psicanálise lacaniana e diferentes quadros tais como distúrbios psicomotores, psicose, síndromes genéticas, deficiências e pseudodeficiências, exclusão e inclusão social.

** É psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestrandia no Departamento de Psicologia Clínica da USP e diretora técnica da Associação Pestalozzi de Osasco.

1 “*Civilization and its Discontents*”: tradução inglesa para o texto “O Mal-Estar na Civilização” (Freud, 1930). Usaremos *Discontents* como “Mal-Estar”.

2 Em *O Mal-Estar na Civilização*, Freud (1930) se refere aos relacionamentos interpessoais como uma das três fontes geradoras de sofrimento para o homem. O mundo externo e seu próprio corpo constituiriam as outras duas ameaças.

3 Segundo Lacan, O eixo a'___a representa a divisão do eu, constituinte do sujeito do inconsciente, isto é, há a' como objeto da pulsão (o investimento da libido nos objetos retorna para o eu), e há a como objeto de desejo do Outro (o investimento da libido na imagem de eu ideal; mim).

4 Tradução de “Phallus” : relativo ao gozo, “limite que abre e barra o acesso à descarga de energia”. Nasio, J. D, 1989.

5 L'extension de Lacan au symbolique, à l'imaginaire et au réel, est ce qui permet à ces trois termes de consister”.

6 Lacan, na aula de 14 de dezembro de 1976, diz que o homem, enquanto ser da fala não é outra coisa que não um ser marcado pelo significante. Ele diz: L'homme parle-être comme j'ai dit ce qui ne veut rien dire d'autre chose qu'il parle significatif, avec quoi la notion d'être se confond.

7 Esse tema é de tal importância, ainda hoje, que foi assunto tratado por muitos autores em publicação recente do Centro de Estudos Freudianos de Paris. (conf. Bibliografia: La cause Freudienne, nº 54: Psychanalyse, dans et hors les murs. Edit Huysmans, 2003).

8 Lacan introduziu pela primeira vez a concepção de estádio do espelho em sua comunicação no Congrès de Marienbad, em 31 de julho de 1936, treze anos antes de sua comunicação ao congresso de Zurique, datada de 17 de julho de 1949.

9 Infans: do latim “que não fala; criança”.

10 Não se deve esquecer que, a essa época, as descobertas de Lorenz, na etologia estavam muito em voga e haviam trazido grandes contribuições aos conhecimentos daquele momento, tendo sido incorporadas aos diversos ramos da ciência existentes até então.

11 O grande Outro se refere aos pais, à família, professores, instituições. É o lugar da linguagem e da cultura.

12 O ego da segunda tópica da teoria freudiana corresponde ao [eu] de Lacan que vimos utilizando.

13 Na concepção lacaniana, o falo é o objeto imaginário desejado pela mãe e com o qual a criança se identifica.

14 Lacan desenvolve esta idéia através da Dialética do Senhor e do Escravo, conforme Hegel a tratou.

15 Ver Figura 1, Esquema L de Jacques Lacan.